



Aline Midlej
Edu Lyra

De Marte à Favela

como a exploração espacial
inspirou um dos maiores projetos
de combate à pobreza do Brasil

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Aline Midlej
Edu Lyra



Planeta

De Marte à Favela

como a exploração espacial
inspirou um dos maiores projetos
de combate à pobreza do Brasil



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Aline Midlej e Eduardo Lyra, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Júlia Braga Tourinho
Revisão: Patrizia Zagni e Gleice Couto
Diagramação e projeto gráfico: Matheus Nagao
Capa: Fabio Oliveira
Imagem de capa: Kobra
Fotos de miolo: Malu Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Midlej, Aline
De Marte à favela : como a exploração espacial inspirou um dos maiores projetos de combate à pobreza do Brasil / Aline Midlej, Eduardo Lyra. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
144 p.

ISBN 978-85-422-2714-7

1. Ciências sociais 2. Desigualdades sociais 3. Favelas I. Título II. Lyra, Eduardo

24-1958

CDD 300

Índice para catálogo sistemático:
1. Ciências sociais



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo, e outras fontes controladas

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO 1

Não pode haver gala sem favela



Subsolo do Hotel Rosewood, 25 de agosto de 2022.

7ª Edição do Favela Gala, jantar e leilão em prol da Gerando Falcões.

No telão, a mensagem: você foi convocado para essa missão.

“A gente tem que dar [para os outros] o que a gente quer pra gente, dar de educação o que a gente quer de educação para os nossos filhos; não vamos dar o que está sobrando, mas dar o [mesmo] que a gente quer pra gente”, conclamou Regina Casé diante de uma parte do PIB nacional, em São Paulo. Minutos antes, o publicitário Nizan Guanaes falava do que seria uma noite de sonhos com gente que sonha e realiza. Era um chamamento a quem ele chamou de elite responsável. Para essas pessoas, Edu Lyra, a autoridade moral daquele encontro de gala e sem favela, tinha um recado sobre entrega de VALOR:

“Existe um caminho alternativo pra gente trilhar. As mudanças podem vir da sociedade civil que se organiza, se junta, pra vencer a pobreza. Vocês

não podem permitir que as empresas, as famílias de vocês, se distanciem do Brasil real, da ponta. Vocês criaram seus filhos com tudo do melhor, fizeram deles ricos, sem aprender a viver em comunidade. É o que precisamos aprender pra mudar o Brasil. Há meses a gente come enquanto o Brasil não come. Acredito que a gente consegue mudar o Brasil, mas não quero uma elite culpada, mas uma elite que entende a responsabilidade de construir oportunidades”.

Enquanto Edu falava, as maquininhas de cartão passavam pelas mesas que custaram entre 10 e 50 mil reais. O pedido, que passava pelas doações, mas que ia além delas, era por uma mudança de mentalidade.

Em seu discurso, Lyra explicava que há uma diferença entre honra e dignidade. Enquanto você é capaz de conquistar a honra lutando como um gladiador, para se ter dignidade é preciso ter oportunidade. E a falta de dignidade em qualquer lugar afeta e constrange a cidadania. Mesmo em uma sala de gala como aquela. “A cidadania é mais do que o cartão de visita do CEO, CFO, mais do que diploma ou conta bancária cheia; é sobre ter coragem de colaborar, de fazer a coisa certa, é sobre transformar o Brasil. A gente precisa se aproximar dos lugares que mais precisam e entregar o que a gente tem de melhor.”

A partir da experiência acumulada em mais de dez anos, a Gerando Falcões passou a entender que sua missão era mostrar para o poder público as soluções possíveis e advindas de uma mobilização de diferentes setores da sociedade. Levantando doações e parcerias, acumulando conhecimento e expertises, apresentando protótipos de desenvolvimento social com capacidade de ganhar escala.

O Favela 3D é a versão mais bem acabada desse propósito que vem sendo amadurecido com muita experiência e um banco de dados inestimável diante da complexidade de compreensão e de combate à pobreza.

Na sétima edição do Favela Gala, as doações chegaram a 20 milhões entre doações monetárias, de itens, mídia e parcerias, um novo recorde. Tanto os investidores mais longevos quanto os recém-chegados foram

convidados a uma lavagem cerebral sobre seus lugares e papéis, até para que a vivência não seja apenas mais um remédio para aliviar dores morais.

Durante o evento, conversei com Jorge Paulo Lemann, famoso empresário suíço-brasileiro, que me deu suas impressões sobre o comportamento atual da elite do país: “Acredito que a elite está mudando, querendo se juntar, participar mais ativamente das questões do país. Está mais engajada, um puxa o outro. Há um movimento interessante dos filhos dos milionários, os herdeiros, tenho os visto com mais frequência em encontros e reuniões, especialmente as meninas, que não aceitam mais herdar tanto dinheiro e não fazer nada pelo Brasil”.

Edu Lyra considera que já há uma transformação de mentalidades, mas gradual e que precisa ser observada, confrontada diariamente, pra que a cultura do privilégio mude. Para ele, é claro que mais mudança precisa ser feita com os parceiros civis: “Preciso usar o capital social que a Gerando Falcões construiu, a força que eu tenho entre os empresários mais ricos do país, fazer essa amarração pra influenciar as canetas mais pesadas, dos governantes. Só assim vamos conseguir criar uma política pública efetiva de erradicação da pobreza”.

Edu acredita que poder econômico é poder político, e é preciso tornar o Favela 3D cada vez melhor e mais simples, para que o projeto possa ser copiado em diferentes meios e, assim, mobilizar o PIB do país e a sociedade civil a influenciar a caneta dos mais poderosos. Ele sente que tem uma responsabilidade imensa, porque há uma quebra de paradigmas; com ele, alguns empresários e seus filhos pisaram em uma favela pela primeira vez sem sentirem que precisavam levar seus seguranças. Para Edu, esse primeiro passo já é uma experiência transformadora.

Na engrenagem da Gerando Falcões, as doações são o combustível e o compromisso real com a inclusão é o motor mais potente, que alcança distâncias maiores em menos tempo. Edu Lyra sempre diz que a GF tem um prazo de existência porque, enquanto ela existir, significa que a pobreza perdura e que o trabalho ainda se faz necessário. Os jantares beneficentes também precisam de uma contagem regressiva para acabar, porque também representam as bolhas violentas da concentração de renda, por mais que estejam cheias de boas intenções.

Uma pesquisa do IBGE³ aponta que o 1% mais rico ganha 38,4 vezes mais renda do que os 50% mais pobres, e esse abismo vive uma tendência de ampliação. Não é mérito, é uma exclusão sistêmica que nos demanda o estudo dos últimos quinhentos anos da nossa história. Quando Edu fala sobre fazer a coisa certa, é sobre olhar para uma nação que é a décima economia do mundo, uma potência agrícola produtora de alimentos, abundante em biodiversidade e reservas naturais, imensamente rica, mas também imensamente miserável quando aceitamos conviver – a distância, claro – com uma fome que afeta mais de 33 milhões de pessoas.⁴

Nosso índice de desenvolvimento humano está pior do que o de países latino-americanos como Uruguai, Peru, Argentina e Chile.⁵ Por outro lado, o setor empresarial, além de rico, é poderoso; assim, ele pode e deve somar às missões da Gerando Falcões, usando esse poder com os tomadores de decisão. Também pode e deve usar sua influência para tornar a pauta social uma prioridade para os governantes, com o objetivo de que o Brasil seja mais do que apenas uma potência econômica. E, no campo econômico, o setor empresarial deve visar a uma gestão exemplar na área ESG. Coerência é prática.

Mas vamos voltar à noite do Favela Gala, quando o presidente do banco Bradesco, Luiz Carlos Trabucco, assumiu o púlpito para falar sobre a urgência de termos aprovada no Congresso Nacional uma Lei de Responsabilidade Social: “É uma questão de Estado, não de governo. É preciso ter métricas pra combater a pobreza. Só o que for medido pode ser avaliado. Se isso não for feito, nos sentiremos sempre no Brasil do presente e não do futuro”. Confesso que cheguei a sonhar acordada, naquele instante, com uma imagem da caravana dos banqueiros em Brasília pra esse lobby revolucionário.

3. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua. Estatísticas sociais, 2021.

4. REDE PENSSAN. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. Rio de Janeiro: Rede Penssan, 2021.

5. UNDP, United Nations Development Programme. Human Development Report 2021-22: Uncertain Times, Unsettled Lives: Shaping our Future in a Transforming World. NEW YORK: UNDP, United Nations Development Programme, 2022.

Trabucco aproveitou para dizer que aprendeu com o “Dignômetro” – sobre o qual explicarei melhor nos próximos capítulos – do Favela 3D que o pavimento de um combate sustentável da pobreza é um acompanhamento rigoroso e orgânico das evidências. Nos próximos capítulos, você entenderá o papel crucial que as evidências resultantes de um acompanhamento rigoroso orgânico e de base científica têm no combate sustentável da pobreza.

Se nos planos de Elon Musk está embarcar na SpaceX e chegar até Marte em menos de dez anos, que a gente desafie o futuro neste instante. A maior ambição interplanetária deve ser tornar a Terra o lugar mais legal de todas as galáxias. Riqueza temos de sobra, mas a estamos perdendo em cada brasileiro quando seus talentos não têm a chance de se desenvolver.

No leilão do Favela Gala, teve lance alto para as raquetes do Roger Federer e da Serena Williams e para camisas de futebol autografadas, mas o bem mais precioso foi a oportunidade de construir uma nova camada de conscientização nas estruturas emocionais de quem pode fazer a diferença com “carteiras e corações abertos”, como bem colocou Nizan, pra quem os insensatos são os motores das grandes transformações. “O homem sensato tenta se adequar ao mundo e o insensato faz com que o mundo se adeque a ele. O progresso se deve aos homens insensatos. Viva a insensatez vigorosa”, disse ao microfone no esquentar para o leilão.

O que as pessoas podem fazer com tanto poder? Como mudar essa máquina que sempre manteve os privilégios? Enquanto penso, ouço o lindo coral da Gerando Falcões cantando Jota Quest.

“... dias melhores pra sempre.”

“A Favela 3D é uma provocação ao Brasil, um chamamento à coragem. E se tudo virasse um programa de Estado, com orçamento ilimitado?”

—Edu Lyra

CAPÍTULO 2

As favelas não são pobres, são empobrecidas



O Favela 3D aponta a direção da riqueza compartilhada.

No período em que escrevia este capítulo, noticiei na Globo News o aumento da extrema pobreza durante a pandemia. Desde 2012, não havia um número tão alto de pessoas em situação de miséria.⁶ Estamos falando de um salto de quase 50%.

Imagine que três entre cada dez brasileiros passaram a viver abaixo da linha da pobreza. Pelos critérios do Banco Mundial, são consideradas extremamente pobres famílias com renda menor que US\$ 1,90 por dia, o equivalente, na época, a um valor per capita mensal de R\$ 168,00. Quem passou horas diárias naquela cobertura dura do coronavírus já

6. NALIN, Carolina. Renda dos mais pobres cai à metade desde 2012. Entre os mais ricos, perda foi de 7%. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 ago. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2022/06/renda-dos-mais-pobres-cai-a-metade-desde-2012-entre-os-mais-ricos-perda-foi-de-7percent.ghtml>. Acesso em: abril de 2024.

dimensionava a catástrofe social em andamento, mas agora o IBGE coloca luz e um novo alerta sobre a urgência de uma mobilização nacional.

Lembro-me de uma imagem marcante na Praça da Sé, em São Paulo, com centenas de pessoas em situação de rua, numa fila sem fim, aguardando a entrega de marmita. Ruas esvaziadas do cotidiano, mas cheias de indulgência. A pobreza ficou exposta. A pandemia escancarou nossa escolha de não adotar como projeto de país o combate à exclusão. Água limpa, recurso fundamental para a higiene contra o vírus, estava ausente para quase 35 milhões de brasileiros, segundo o Instituto Trata Brasil.⁷ Um absurdo injustificável no país com a maior reserva de água doce do mundo.

Por outro lado, a solidariedade emergencial se fez presente com recortes iniciais de arrecadação, que depois foram diminuindo. O que não arrefeceu foi a organização das favelas, que deram exemplo de autogestão durante a emergência sanitária.

Diante de avalanches de desinformação e ausência crônica do poder público, organizações comunitárias se esforçaram para levar informação confiável em uma linguagem acessível aos moradores. Não é coincidência, portanto, que hoje, em todas as comunidades pilotadas pelo Favela 3D, a comunicação é vista como um investimento emancipatório. Porque é. Comunicação é porta de acesso ao conhecimento acerca de direitos e legitimidades.

D de Digital

D de Desenvolvida

D de digna

De escala a Gerando Falcões entende. Uma década atrás, o projeto saiu de uma favela, na Grande São Paulo, para, em 2022, estar atuando em mais de seis mil, como mencionei antes. É uma presença em 42% do território

7. INSTITUTO TRATA BRASIL. Com quase 35 milhões de habitantes sem água, Brasil precisará mais que dobrar investimentos para universalizar o saneamento. Disponível em: <https://tratabrasil.org.br/com-quase-35-milhoes-de-habitantes-sem-agua-brasil-precisara-mais-que-dobrar-investimentos-para-universalizar-o-saneamento/>. Acesso em: abril de 2024.

de comunidades no Brasil. Nessa caminhada, a ONG formou mais de mil lideranças locais – talvez o componente de reposição mais difícil nessa engrenagem de desenvolvimento humano.

Durante a pandemia, 100 milhões de reais arrecadados garantiram a alimentação de 1,5 milhão de pessoas. Esse período de emergência sanitária sem precedentes na história recente colocou o mundo para pensar. Na GF não foi diferente. A organização olhou para tudo o que havia sido desenvolvido em todo esse tempo, em termos humanos, materiais e tecnológicos, e decidiu desenvolver uma metodologia inédita e adaptável à realidade de cada favela e com potencial de multiplicação. O projeto piloto já está em quatro territórios, com perfis distintos, e o plano é chegar a mil Favelas 3D. Oportuno dizer que o número de favelas só cresce, chegando a quase 14 mil.⁸

Edu Lyra sempre diz que não há um caminho exato para chegar aonde quer: “Eu nunca sei 100% o que fazer pra chegar lá, mas sei uns 60% e que a outra parte a gente consegue, caindo, levantando e descobrindo como alcançar. Montamos times com talentos da favela e do mercado. A gente está entregando e criando valor pra sociedade”. E, assim, ele segue sem desistir.

Onze anos foi um tempo razoável para a GF amadurecer e fincar raízes de relacionamento fortes com parceiros que ajudaram a pensar e a viabilizar o Favela 3D. Um deles foi o Instituto Tellus, uma organização que viria a se tornar a primeira agência de inovação social e design de serviços públicos no país.

Fato é que os caminhos dessa gente que gosta de fazer da carreira o “fazer o bem” vão se cruzando. O ano era 2011, o local, Global Shapers – uma iniciativa do Fórum Econômico Mundial que reúne jovens com perfil de liderança envolvidos em algum trabalho social, empresarial ou político e tem um objetivo de fomentar e estimulá-los a liderar transformações nos seus países.

Germano Guimarães estava empreendendo no Instituto Tellus, e o Edu, criando a Gerando Falcões. Avançando para 2020, no auge da pandemia. Edu já confabulava a criação de uma iniciativa de impacto sem precedentes, quando o telefone tocou e Germano compartilhou alguns resultados de um projeto que trabalhava competências socioemocionais para jovens em vulnerabilidade na

8. INSTITUTO DATA FAVELA. Um País Chamado Favela: 2023.

periferia de São Paulo. Edu, então, rapidamente partilha de um desafio que se desenhava: acabar com a pobreza numa favela – a Favela Marte – de São José do Rio Preto, com cerca de 250 famílias, 600 moradores.

A conversa seria o embrião da metodologia central desse grande laboratório que a Favela Marte se tornou. A Mandala de Impacto Social tem oito pétalas, ligadas às raízes da pobreza, que traduzem as principais demandas, sempre a partir da compreensão de que a pobreza é multidimensional.

Algumas raízes são visíveis, como a habitação e o urbanismo, a geração de renda e a educação, mas há também a primeira infância, a cultura, o esporte e lazer, o meio ambiente, a saúde, a paz, a cidadania. E, no centro de tudo isso, temos as famílias, as pessoas. Na base desse acompanhamento é que está o *Programa Decolagem*,⁹ desenvolvido para criar trilhas individuais de superação da miséria. Cada família tem a própria trilha. Tellus aproveitou a experiência de ter feito mais de 250 projetos ao longo de doze anos de inovação para contribuir na criação desse modelo inédito.

Nina Rentel Scheliga, diretora do Favela 3D, conversou comigo sobre a importância do *Programa Decolagem*: “A individualidade vem no nível favela, com todos participando desde o início. A favela precisa participar e, com o *Programa Decolagem*, o grande diferencial é termos dados e o olhar individual família por família. A cada mês, vemos se as coisas estão mudando. Essa é a grande tecnologia por trás do Favela 3D. Ainda está acontecendo, mas eu consigo avaliar enquanto acontece e melhorar. Aí entra a tecnologia efetivamente pra tornar humanamente possível”.

No imenso desafio de traduzir essa etapa de implementação, escolho uma palavra: PROFUNDIDADE. Justamente o que não acontece nas atuais políticas de governo é a orientação que consta no guia de ações da GF. Não há conhecimento de territórios nem das histórias de cada um com aprofundamento, nada que ligue as pontas que explicam ciclos de exclusão que se repetem por gerações: violência doméstica, falta de educação financeira, alcoolismo,

9. Nota da autora: O *Programa Decolagem* foi construído a oito mãos para um desafio da Fundação Lemann e, depois, foi implementado pelo Favela 3D.

crises temporárias não superadas, baixa escolaridade e depressão, por exemplo. Todos esses são traços marcantes e recorrentes na trajetória das famílias que vivem hoje na pobreza.

A implementação da Mandala

Os indicadores da Mandala de Impacto Social foram criados pela Kayma Labs, uma organização especializada em soluções de interesse público por meio da economia comportamental. A partir das respostas coletadas por eles se construíram jornadas individuais para cada família, sempre guiadas pelas soluções levantadas na Mandala.

Esse modelo de implementação contou com a expertise de outro grande parceiro da Gerando Falcões, uma das maiores empresas de solução tecnológica do país: a Accenture. Coube a ela a formação do *Programa Decolagem*. Um trabalho conjunto e, por isso, inovador na forma de unir conhecimentos a serviço da transformação social. Aliás, os indicadores elaborados com a Kayma também produzem o Índice Gerando Falcões, a grande inovação de medição de pobreza da ONG.

Conversei com Kleber Alencar, diretor da Accenture, que vê na Mandala uma ferramenta de extrema importância e que pode ser replicada em qualquer lugar: “Essa é uma tecnologia que poderia ser exportada para qualquer lugar onde você quer acabar com a pobreza. Você vai conhecer a família, você tem uma Mandala da família, você tem uma Mandala do território, você desenha, com a família, qual vai ser a jornada dela para sair daquela situação. A jornada para sair da pobreza envolve todas as pétalas da Mandala. De pétalas ligadas a coisas básicas, como cidadania, passando pela parte de equipamentos públicos, de acesso a serviços públicos, de condução de assistência social, de saúde, de escola, de creche. Tudo isso”.

Para ele, a base de tudo é a renda, porque é uma das coisas que mais entregam dignidade. Assim, você pega essa renda e constrói com cada família como ela vai percorrer os caminhos de forma que as transformações em cada pétala sejam tão intensas, duradouras e perenes que ela nunca

mais volte para trás. “Por isso que a gente fala que o *Programa Decolagem* é um projeto de graduação das famílias para sair da pobreza. A gente quer construir um negócio, a partir do Favela 3D, que a pessoa nunca mais volte a ser pobre. Então, você transformou o território, você transformou a vida, você transformou todas as pétalas da Mandala.”

No projeto, a Accenture tinha o desafio de viabilizar uma execução simples da inovação tecnológica, colocar o método em prática, num aplicativo, de forma tecnologicamente viável, simples, para que os assistentes sociais, em qualquer favela do país, pudessem usar.



Técnico utilizando o aplicativo para atualizar as informações da família.



Representante da família com a documentação da Mandala para ser atualizada no aplicativo desenvolvido pela Accenture.